



José Gabriel Ávila*

Às gentes do Pico

Deixar-se seduzir pela beleza e espetacularidade do nascer do sol na Ponta leste da Ilha, na companhia de São Jorge e da Terceira, ou admirar o pôr-do-sol na belíssima Baía das Lajes com a Montanha em fundo, é um cenário que só grandes artistas das letras e das artes conseguem descrever.

Mas a ilha do Pico é muito mais que a Montanha altaneira: é um farol que descobre horizontes e avisa terra à vista, barómetro de naus e marinheiros que, com “saber de experiências feito”, sabem ler as figuras multiformes das nuvens, a direção de ventos e o rumo de ondas e marés.

A “Ilha Maior”, como a definiu o poeta Almeida Firmino, é um negro penedo gigante, em cujas entranhas se geram deliciosos néctares e frutos que crescem sobre o rude basalto. Foi com a lava vulcânica que o engenho dos picarotos edificou, pedra a pedra, milhares e milhares de currais, numa tessitura filigrânica sem paralelo, e por isso reconhecida pela UNESCO como património universal da humanidade.

Afora a paisagem negra e verde, rude e perigosa, a Ilha Montanha constituiu-se como fortaleza e sentinela do atlântico, dos mares e do céu, cuja rota fica indelevelmente gravada na História das conquistas e das migrações, nos grandes conflitos militares, nas rotas baleeiras, na pesca do atum e no mais que a ciência e a investigação ditarão no próximo futuro.

O Pico é uma ilha solidária com as demais. Abre roda e fecha a roda, no Triângulo (São Jorge, Faial e Pico) e associa-se ao grupo central noutra centralidade onde merecia ser mais valorizado. Não o é ainda, mas para lá vamos queira-se ou não porque as antigas centralidades, arrastam-se num marasmo que tolhe o desejável crescimento económico.

A ultraperiferia tem estatuto europeu. No entanto, enquanto não nos libertarmos da má sina do atraso económico, não subiremos os patamares que nos afastam do estádio que as antigas centralidades conquistaram.

O pelotão em que nos mantemos há vários anos, manifestamente perde forças e de ano para ano, não dá mostras de inverter o ciclo da pobreza, tantos são os que saem da ilha ou “se vão da lei da morte libertando”.

Como eu gostaria de continuamente dizer, parafraseando as marchas de Santo António de Lisboa: O Pico é lindo!!! É é, de fato! Tão lindo e tão promissor que a não o troco por terra alheia. E isso faz-me lutar, incessantemente, para que esta “*Ilha Maior no sonho e na desgraça. Sempre a acenar a quem ao longo passa. Nos navios rumo ao Canadá e América.*”² tome um rumo que impeça os seus filhos de “*buscar a sorte noutras paragens | noutras aragens | entre outros povos*”, como tão bem cantou Manuel Freire.

Este é o maior drama da Ilha: o precipitado e vertiginoso decréscimo demográfico, a que alguns chamam de “inverno”.

Já partiu quem tantas vezes levantou a sua voz chamando a atenção para o declínio populacional do Pico – ilha que embora com um decréscimo pouco significativo, carece de gente para a dimensão do seu território e para o seu desenvolvimento económico.

Há dias, o economista Gualter Furtado, afirmou propósito do decréscimo populacional do concelho da Povoação: “*Esta situação só se contraria com melhores acessibilidades, serviços adequados de oferta em educação e serviços de saúde eficientes e de qualidade, e principalmente mais economia que permita melhor remuneração dos fatores de produção, incluindo o emprego. Sem economia dinâmica e forte é difícil fixar e atrair novas populações jovens. A habitação é muito importante, mas é insuficiente. Só com políticas públicas rigorosas e atrativas para o investimento privado e o emprego, é que chegamos lá.*”³ Palavras sábias.

O envelhecimento é sobretudo um problema social.

Há dias, uma senhora cuja mãe se encontra internada num Lar de terceira idade, dizia-me: – “Minha mãe não gosta de lá estar, mas que hei-de eu fazer? Não a posso deixar sozinha e não há quem queira tomar conta dela durante o dia. Antigamente, se os familiares não podiam, havia quem zelasse os idosos, a quem se fazia papel dos bens. Agora?...”

Ao passar pelas ruas das Lajes, é frequente ouvir-se dizer: “A Vila já não tem ninguém.” É verdade. Quantas pessoas vivem sós, com dificuldade de se movimentarem, de sair para ir à farmácia, ao correio ou mesmo a missa? Por falta de forças, porque o piso da calçada facilita as quedas, os passeios são barreiras e não há por perto um braço que ajude quem mais precisa!...

E que resposta sociais existem de ajuda e solidariedade social, que vão de encontro às necessidades básicas que todos sabemos existir? Na família, na vizinhança, que impeçam a solidão que mata e anime a sua vida que todos desejamos seja longa e feliz?

Noutro setor – o da saúde – os picoenses sofrem também resignados com o secular abandono nos cuidados diferenciados.

Sem serviços de saúde não há qualidade de vida nem para os residentes nem para visitantes. Por isso as autoridades locais e regionais deviam, ao abrigo do estatuto da ultraperiferia, reivindicar apoios financeiros para tentar debelar estas crónicas carências que afetam sobretudo quem não tem posses para se deslocar ao continente – destino cada vez mais procurado por quem tem posses, para tratar das maleitas que todos temos.

E mesmo assim, os picarotos são um povo alegre. Facilmente se juntam nas folgas e chamarritas, em caldos de peixe e matanças, nas festas e as vindimas, entreajudando-se nos momentos de lazer e dificuldade.

Sempre, sempre, com o “credo na boca” e confiantes na “vontade de Deus”, que é quem manda e “seja o que Ele quiser...”

Daí a forte crença no Espírito Santo, a pujança dos Impérios, dos jantares de sopas e a partilha das rosquilhas e dos bolos de véspera por todos, sem olhar a quem.

Que gente forte é esta, que durante anos e anos andou de pé descalço e calçou albarcas, mas quando as dificuldades da vida aliviaram, retomou os trabalhos das vinhas e das lavouras, reconstruiu casas antigas e as colocou à disposição dos visitantes!

Que gente é esta que durante décadas e décadas andou à caça à baleia em belas canoas construídas à medida das necessidades, arrostando contra perigos imensos, pescou em traineiras de atum desenhadas e construídas por mestres primorosos e afamados, criou rugas e pele tisonada pelo sal e pelo calor do sol e ainda teve força para ultrapassar o sofrimento da partida e refazer vidas nas Américas!

Que Povo forte e resiliente é o da minha terra!

Durante cerca de duas décadas tentei falar do seu viver em crónicas para “Diário dos Açores”.

O livro “**do céu de Abraão**” que lancei ontem no Museu dos Baleeiros, dá testemunho do meu pensar e sentir.

Oxalá sirva para alterar procedimentos e encontrar novas vias de desenvolvimento para a Ilha do Pico.

Engrade, Pico, julho de 2023



¹ Camões, OS LUSÍADAS, canto I, 2ª estância

² Firmino, Almeida, NARCOSE, Sec. Reg. Educ. Cultura. Coleção GAI-VOTA, 1982

³ Furtado, Gualter, Jornal “Diário dos Açores”, 4 de Julho 2023 . www.diariodosacores.pt